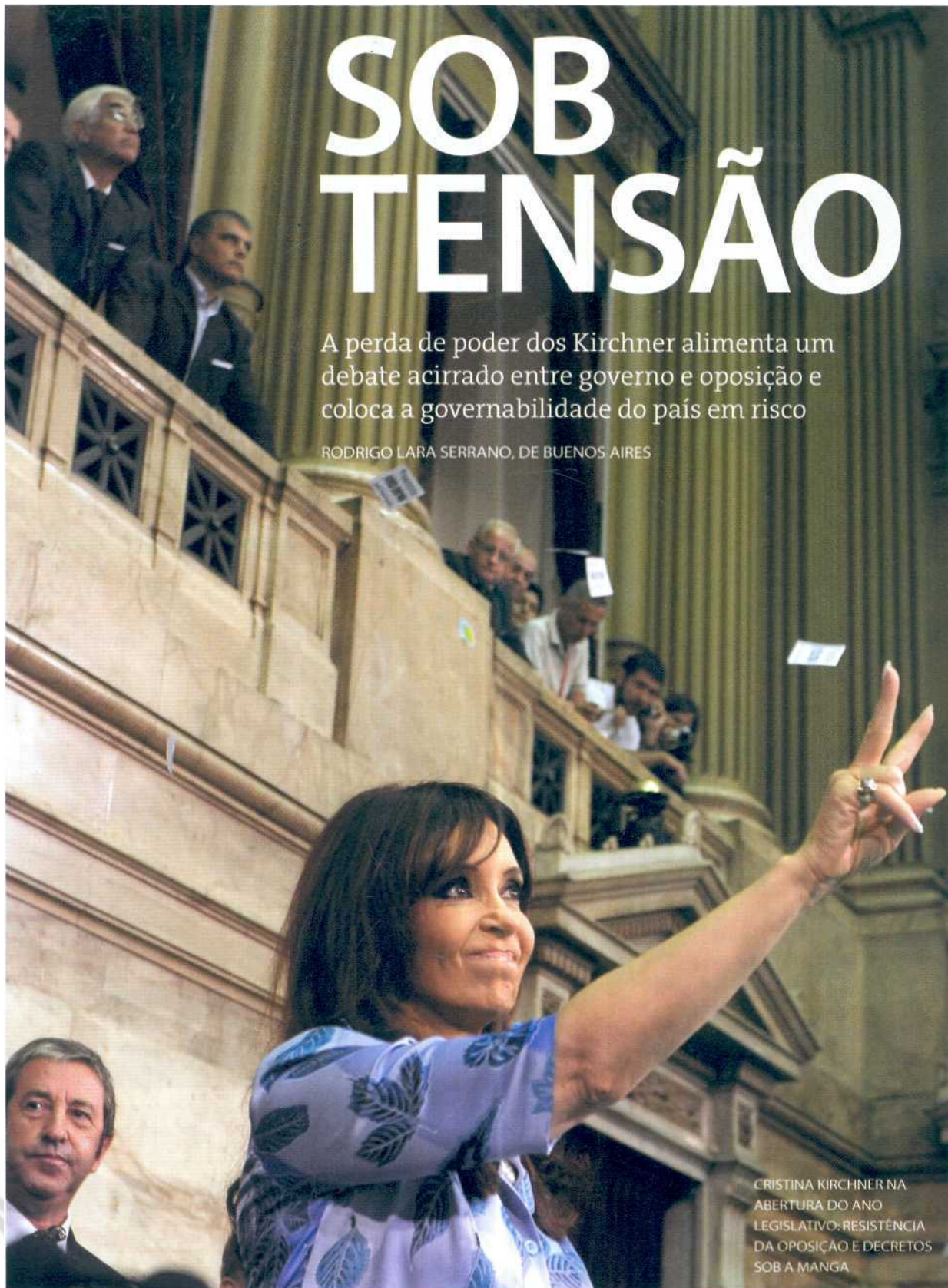


# SOB TENSÃO

A perda de poder dos Kirchner alimenta um debate acirrado entre governo e oposição e coloca a governabilidade do país em risco

RODRIGO LARA SERRANO, DE BUENOS AIRES



CRISTINA KIRCHNER NA  
ABERTURA DO ANO  
LEGISLATIVO: RESISTÊNCIA  
DA OPOSIÇÃO E DECRETOS  
SOB A MANGA

**H**oje, quem olha para a política argentina vê um caldeirão fervente. Desde a renovação do Congresso, em dezembro de 2009 - depois da qual o governo perdeu maioria tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado e a oposição decidiu abdicar do diálogo —, e as estratégias da presidente Cristina Kirchner de burlar o legislativo para usar de reservas do Banco Central no pagamento da dívida externa do país, oposição e governo alimentam um nível de tensão que não se via desde a década de 1980.

Tal guerra acirrada faz com que analistas prevejam dias políticos difíceis e turbulentos até as eleições presidenciais de 2011. Para alguns, se esse cenário não mudar, a Argentina corre o risco de enfrentar uma crise de governabilidade real. Já os menos fatalistas identificam que se abre a oportunidade de o país aprender que há outros caminhos, diferentes do hiperpresidencialismo - ou seja, que governa por meio de decretos - e de uma oposição intransigente.

#### OPORTUNIDADE PERDIDA

Nas eleições legislativas de junho de 2009, os aliados do governo ficaram com 30% das cadeiras; outros 30% foram para uma aliança liderada pela União Cívica Radical; 8% foram para o peronismo conservador; e o restante se dispersou entre facções de direita e de esquerda. A falta de uma maioria inclusive deu a essas facções poder de sabotar qualquer plano. Para se ter uma ideia, somente o Senado conta hoje com 72 membros e 23 bancadas.

De qualquer forma, tudo se configurava como uma grande oportunidade para os políticos argentinos fazerem o seu trabalho: discutir, negociar, esticar, puxar, até chegar a um consenso. Mas, desde a posse do novo Congresso, o que se viu foi uma oposição unida para

bloquear as iniciativas do governo. "O que as pessoas querem é ver o assunto resolvido, não mais problemas, e dessa forma também a oposição acaba sendo vista como pouco efetiva", diz Roberto Bacman, diretor do Centro de Opinião Pública (Ceop). Para o analista político Heriberto Muraro, "a melhor definição dos políticos argentinos foi dada pelo atual presidente do Uruguai, Pepe Mujica: 'a classe política argentina é canibal'", diz. Murano ironiza com a experiência de

# 23

## é o número de bancadas no Senado argentino, para 72 cadeiras

assessorando governadores e presidentes, e que lhe fez ver de tudo um pouco. Ou quase, já que, até agora, nenhum presidente peronista deixou o poder por causa de uma crise econômica ou política - o que é o grande medo de Cristina Kirchner: ter de fazer uma renúncia antecipada.

Isso não convém à maior parte das forças políticas vigentes na Argentina, mas poderia ocorrer como um efeito bola de neve, originado da violação contínua de regras. "Hoje, governo e oposição estão jogando com tudo: quase sempre de má-fé, rompendo regras, o que torna difícil qualquer jogo, em qualquer contexto", diz o constitucionalista Roberto Gargarella.

#### A ESFINGE COBOS

Nesse cenário pessimista, existem duas figuras que, em teoria, podem impor a calma até as eleições de 2011. Um deles é o vice-presidente em exercício, Júlio Cobos. Possível candidato à Presidência do partido radical, em oposição ao atual governo do qual faz parte, atrai vastos setores da classe média e a centro-direita. A segunda é o deputado e empresário de origem colombiana Francisco De Narváez, conhecido como "Colorado". Peronista, mas sem carreira política e cargos no partido, derrotou o ex-presidente Kirchner nas últimas

eleições legislativas, representando a província de Buenos Aires.

Enquanto isso, a estratégia dos Kirchner é a de buscar a reativação econômica e um pacote de gastos públicos que os faça recuperar o apoio das camadas populares, que lhes deram as costas nas últimas eleições legislativas. Hoje, a favor dos Kirchner, está o desejo do empresariado de baixar os decibéis da briga entre governo e legislativo. "Eles têm medo de que tudo isso provoque um caos financeiro. Seria como fabricar uma crise econômica do nada", diz Muraro. Já contra está o fantasma da inflação. Vários estudos, independentes a estimam em 25% entre março e dezembro deste ano, o que significaria 29% no acumulado de 2010.

#### ALERTA DE TURBULÊNCIA

No futuro próximo, a menos que ocorra uma situação externa que promova uma trégua, a aposta dos analistas é a de que esse conflito se manterá. "A oposição não tem um projeto alternativo - por isso é que os Kirchner e o 'kirchnerismo' estão vivos", diz Bacman, do Ceop. Hoje, como descreve Graciela Römer, da Römer y Asociados, entre um governo intransigente e pouco preparado para governar sem o legislativo e uma oposição que só existe para votar contra os projetos de governo, pensar em uma via alternativa é pura futurologia. Para o analista político Ricardo Rouvier "se não houver uma rota de negociação, o caminho para finalizar o atual mandato será complicado e turbulento".

Mas há quem acredite que a tormenta possa gerar boas alternativas. "Nosso sistema, que alguns chamam de hiperpresidencialista, demonstrou abrir margem à instabilidade", diz Roberto Gargarella. A opção, segundo ele, é usá-lo de forma criativa. "A Constituição estabelece instituições participativas, que deveriam ser incentivadas."

Com a fragmentação atual, entretanto, não parece haver ânimo para isso. O que, segundo analistas, poderá favorecer uma candidatura de Néstor Kirchner em 2011.